

INDÍCIOS DO SAGRADO FEMININO EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS DO CURSO DE DANÇA DA UESB

Lauana Vilaronga C. de Araújo(Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB)¹

RESUMO

Este artigo congrega elementos da pesquisa que teve por objetivo observar a incidência de indícios do Sagrado Feminino nas produções da Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no período de 2010 a 2019. Sendo, o Sagrado Feminino, um tipo de sabedoria intuitiva com progressiva adesão mundial nas últimas décadas, considero duas premissas nesta análise: a integração das mulheres às vivências do Sagrado Feminino acontece, majoritariamente, de forma intuitiva e íntima, portanto, anterior à sua elaboração racional e/ou vinculação conceitual às militâncias feministas; a dança é uma manifestação integrativa da humanidade, tendo grande relevância na reconstituição ancestral inerente à busca por conexão com as qualidades femininas, bem como com a reverência holística em relação à sacralidade da vida. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter etnográfico, baseada em revisão de literatura e aplicação de questionário para o levantamento, seleção e análise das produções artísticas e científicas de dança. Se o Sagrado Feminino tem por princípio a demanda intuitiva das mulheres por conexão ancestral, autocura e autoconhecimento, sua reverberação social vislumbra um equilíbrio das qualidades femininas e masculinas no mundo. Na Licenciatura em Dança da UESB, essas buscas têm sido percebidas em configurações múltiplas (em processos individuais ou coletivos, restritos a mulheres ou em contextos de ampla participação) e apontaram sete eixos vivenciais que, em potências e conexões peculiares, auxiliaram a observação da dança nesse contexto de elaboração subjetiva: autoconhecimento; vinculação cultural; ancestralidade; poder de gerar e nutrir a vida; feminismo, questões de gênero e reação ao patriarcado; relação intuitiva com o Sagrado Feminino; e conexão com arquétipos da Deusa.

PALAVRAS-CHAVE

¹Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Dança. Coordenadora do grupo de pesquisa *Triskelion: história da dança, sagrado feminino e poesia cênica*. Praticante de Flamenco e em curso de formação de facilitadora pela Escola de Biodanza® da Bahia (turma11).

Processos criativos; história da dança; sagrado feminino; vivência; vanguarda artística.

ABSTRACT

This article brings together elements of the research that aimed to observe the incidence of evidence of the Sacred Feminine in the productions of the Degree in Dance of the State University of Southwest Bahia (UESB) in the period from 2010 to 2019. Having the Sacred Feminine as type of intuitive wisdom with progressive worldwide adhesion in the last decades, I consider two premises in this analysis: the integration of women to the experiences of the Sacred Feminine happens, mostly, in an intuitive and intimate way, therefore, prior to its rational elaboration and /or conceptual link to feminist activism; dance is an integrative manifestation of humanity, having great relevance in the ancestral reconstitution inherent to the search for connection with the feminine qualities, as well as with the holistic presence in relation to life's sacredness. Methodologically, it is an ethnographic research, based on literature review and questionnaires for the survey, selection and analysis of artistic and scientific dance productions. If the Sacred Feminine has as a principle the intuitive demand of women for ancestral reconnection, self-healing and self-knowledge, its social reverberation sees a balance of both feminine and masculine qualities in the world. In the UESB Dance Degree, these searches have been perceived in multiple configurations (in individual or collective processes, restricted to women or in contexts of wide participation) and had come to seven experiential pathways that, in particular powers and connections, helped the observation of dance in this context of subjective elaboration: self-knowledge; cultural connection; ancestry; power to generate and nourish life; feminism, gender issues and reaction to patriarchy; intuitive relationship with the Sacred Feminine; and connection to Goddess archetypes.

KEYWORDS

Creative processes; dance history; sacred feminine; experience; artistic avant-garde.

Observa-se, na atualidade, uma rede mundial de mulheres que busca integração em experiências de autocuidado, compartilhamento de saberes, reconexão com a ancestralidade, processos de cura e alinhamentos físico, emocional, mental e espiritual.

Integrada em atmosfera de brandura e fluidez nas últimas décadas, a vivência do Sagrado Feminino parece estimular a percepção de suas peculiaridades em relação à estrutura hormonal, à capacidade de gerar a vida e à manifestação saudável de seus saberes, relações e intenções. Numa investigação genérica acerca do termo “Sagrado Feminino”, constatei que o verbete ainda não possui página na enciclopédia virtual *Wikipedia*. As principais buscas relacionadas a esta expressão no *google* estão associadas a “o que significa”; “menstruação”, “gravidez”, “como despertar”, “avó”, “Sagrado Feminino e Masculino”, além de vocábulos de suporte investigativo como “livro”, “texto” e “frases”². Tais dados apontam para a peculiaridade de sua difusão franca e discreta, além do aspecto de sensibilização que tem manifestado também em relação às qualidades masculinas.

Em termos históricos e sociais, é perceptível um movimento generalizado de valorização das manifestações do feminino, seja pela reeducação perspectiva da sabedoria das *abuelas* (ancestralidade), pela revisão de histórias e incorporação das narrativas das mulheres (validação de existência), ou pelo estímulo à complementariedade entre as mulheres com a legitimação das características individuais (sororidade). O Sagrado Feminino, assim, atravessa aspectos de autoconhecimento, espiritualidade e interatividade, colaborando para uma requalificação pessoal e social significativa.

Em relação ao campo epistemológico do feminismo, é possível observar congruências com o ecofeminismo (PULEO, 2019), principalmente pela conexão orgânica entre as mulheres e a natureza. Podendo ter conquistado o impulso necessário para se reestruturar nas prerrogativas desta vertente feminista dos idos da década de 1980, o Sagrado Feminino demonstra estar reivindicando, na atualidade, as posses de si pela intuição holística. Isso não significa que nega ou menospreza pautas ativistas ou que essas práticas não se harmonizem ou não possam se somar; por sua vez, há indícios de que, nestes diálogos, a pauta feminista tem criado aberturas para a afetividade em suas abordagens metodológicas. No Sagrado Feminino, as mulheres apontam, antes, para uma emergência de conciliação a partir do encontro consigo mesma e com outras mulheres. Livros como *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés (2018), que teve sua primeira publicação em 1989, seguem como as principais buscas

² Consultas realizadas em 22/04/2021 às 14:30.

daquelas que acolhem o anseio de se conhecerem e, quem sabe, revisar padrões naturalizados por gerações familiares.

O Simpósio Temático (ST) *As bruxas estão de volta? Sagrado Feminino e Ecofeminismo*, que integra o evento científico *Fazendo Gênero 12 – Lugares de fala: direitos, diversidades, afetos*³, indica um diálogo com esta compreensão do tema. O texto que anuncia o ST aponta as distinções e possíveis congruências em relação ao feminismo, assim como um posicionamento que converge para a ideia de que o Sagrado Feminino é uma prerrogativa para uma existência social saudável e está em processo de reconstituição empírica:

[...] Ecofeminismo e Sagrado Feminino não são sinônimos. O ecofeminismo une a preocupação ecológica com os direitos das mulheres. [...] Já para as defensoras do Sagrado Feminino, a natureza ensina sobre conhecimentos e poderes inatos, tais como nascer, procriar e se curar; tudo isso conectado a um sistema maior, que pode ser chamado de espiritualidade. [...] Tanto a defesa do ecofeminismo, como a do feminino sagrado, está imbricada para um grupo de mulheres que se consideram feministas e que pontuam a necessidade da mulher se conectar com sua própria natureza. Para essas mulheres, a sociedade patriarcal promoveu a desconexão delas com a natureza. Para superar essa desconexão, a mulher deve se redescobrir utilizando conhecimentos ancestrais. A busca pelo Sagrado Feminino não é nova. As chamadas bruxas já utilizavam o conhecimento sobre a natureza para promover curas. A própria busca do sagrado das mulheres é uma forma de conexão com a ancestralidade. A diferença na atualidade parece estar na junção desse conhecimento milenar com o debate feminista. [...] (PEREZ *et al*, 2020)

Dadas as especificidades do Sagrado Feminino e a particularidade da discussão, este é o único entre cento e noventa e dois STs do evento a discutir as possíveis associações entre Sagrado Feminino e questões feministas. Embora os limites muitas vezes sejam tênues, considero que metade dos trabalhos desse ST aprofunda a abordagem do Sagrado Feminino - mais alinhada à espontaneidade dos grupos de mulheres, ao autocuidado e aos saberes ancestrais, diferente daquela metade cujas análises, críticas e instrumentalizações de apoio às mulheres se aproximam do ecofeminismo de forma mais estrita. Seja qual for o caminho, é significativo destacar que o vislumbre está nos processos de cura emancipatória de cada mulher e de conciliação das potências femininas e masculinas, com base na compreensão das vantagens dessa coalizão para uma harmonização da humanidade.

³ Organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina para acontecer em 2020, o evento foi adiado para julho de 2021 em função da pandemia do COVID 19.

Há ainda a identificação e interesse de pessoas diversas em relação à identidade de gênero em integrar esses grupos, assim como muitos homens têm se apoiado em círculos curativos do Sagrado Masculino. Ou seja, o impacto do Sagrado Feminino se manifesta na atualidade em três vertentes principais de vivências: os círculos de mulheres (Sagrado Feminino), os círculos de homens (Sagrado Masculino) e círculos mistos que ecoam a predisposição humanitária ao equilíbrio relacional e ao princípio biocêntrico⁴.

E qual seria, então, a pertinência da dança neste contexto? A potência criativa da mulher tem seus pilares no conhecimento do seu corpo, do seu ciclo menstrual e na intuição e sabedoria dos ciclos de nascimento, vida e morte. Numa gradativa coerência ancestral, a dança tem colaborado para que as mulheres recuperemo protagonismo nas vivências do Sagrado Feminino, espelhando a compreensão holística da vida como um insistente contraponto ante as desenfreadas fragmentações e especializações das potências humanas. Iris Stewart (2016), no livro *A dança de Sagrado Feminino: o despertar espiritual da mulher através da dança, dos movimentos e dos rituais*, considera sua trajetória de harmonização pessoal integração holística na dança do ventre como vivência deflagradora de ampla pesquisa acerca da importância da dança na constituição de um feminino íntegro. Transitando por tempos e culturas, respaldada pela antropologia, arqueologia, sociologia e história, aborda aspectos simbólicos e comunitários que destacamo ventre feminino como campo que manifesta danças essenciais.

A dança, enquanto vivência primordial⁵, garante à humanidade a oportunidade de reconciliação com o todo, desde a ideia de individualidade (eu), passando pelas relações interpessoais (o outro), até a indissociabilidade com cada elemento existente e passível de indagação ou reverência (o todo). Esse alinhamento holístico pela dança é/foi orgânico para pessoas de diversos tempos e culturas, sofreu ressaltos no trajeto de profissionalização e estruturação cênica e experimenta nuances de reapropriação coletiva em vivências e produções de dança na atualidade.

Se pensado no campo dos paradigmas e vanguardas artísticas, é válido ponderar também a incidência de proposições vivenciais e cênicas da dança que têm privilegiado

⁴ O princípio biocêntrico considera a sacralidade e a prioridade da vida em relação à visão antropocêntrica que retirou dos homens a condição de parte da natureza (para lhes atribuir todo o poder sobre ela) e está presente no Ecofeminismo biocêntrico de Maria Mies e Vandana Shiva -sobre o qual Puleo (2016) aponta ressaltos, ou no Sistema Biodanza®, de Rolando Toro (2002).

⁵ GARAUDY (1980), CAMINADA (1999), PORTINARI (1989) e outros.

relações saudáveis, reverência à subjetividade, ritualização da existência, autocura esacralidade da vida. Estes parâmetros, ideias e princípios sofreram um refreamento significativo desde as prerrogativas vanguardistas pós-modernas nos anos 1960. Corpos cotidianos, transitórios, eficientes, mercantilizados, provocativos (em feições satíricas, debochadas ou inexpressivas) estão sendo convidados a uma vivência afetiva, impregnada de histórias, memórias, sentimentos, percepções e partilhas. O Sagrado Feminino tem colaborado fortemente para o alargamento epistemológico e abordagem profissional desses aspectos nas danças⁶. Considerando que este ambiente propício inclui o universo acadêmico, é que me propus a analisar os indícios do Sagrado Feminino nas produções da graduação em Dança da UESB.

O trabalho no grupo de pesquisa *Triskelion: História da Dança, Sagrado Feminino e Poesia Cênica*⁷, ao investigar as relações entre Dança e Sagrado Feminino, tem por objetivos vivenciar experiências em círculos de mulheres, estudar a manifestação do Sagrado Feminino a partir dos arquétipos da Deusa, observar a predominância de qualidades arquetípicas em personalidades da dança, investigar a relação entre dança e Sagrado Feminino na história da humanidade, investigar danças ancestralmente fundamentadas e analisar a incidência de elementos do Sagrado Feminino em produções de dança.

Nesta conjuntura, começamos a observar que o número de produções artísticas que dialoga com princípios do Sagrado Feminino tem crescido e criado condições para uma reconsideração acerca da credibilidade de determinadas nuances da dança, especialmente aquelas vinculadas aos seus aspectos subjetivos, terapêuticos e espirituais. Se, por exemplo, a compreensão de indivíduo que vigorou com maior repercussão e amplas discussões nas últimas décadas dedicou-se a desarticular a ideia dual corpo-mente, é válido problematizar que esses seriam apenas os aspectos masculinos do ser (materialidade/ação e racionalidade/controlado). Se quer era perceptível que, em meio a uma prerrogativa de abordagem não-dicotômica, existia uma fragmentação de base; que faltava, para uma integralidade, suas faces femininas: a espiritualidade e a

⁶Se não existe ainda uma página para o Sagrado Feminino na *Wikipedia*, já é possível encontrar um número significativo de trabalhos acadêmicos no *Google Scholar* e a oferta de cursos, workshops, espetáculos e vivências que vinculam a dança aos termos “sagrado”, “danças sagradas” e “sagrado feminino”.

⁷ Projeto de pesquisa sem ônus vinculado ao Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL) da UESB - Campus Jequié. Resolução CONSEPE 053/2017 de 28/09/2017.

intuição⁸.O que se incluía (as emoções, por exemplo) estavaacoplado de forma discreta às nuances dos constructos cerebrais.A dança, nesse contexto, tratou de adequar-se aos seus espaços políticos e econômicos, polindosuas abordagens, termose argumentos nos âmbitos artísticos e educativos. Nas minhas experiências formativas e profissionais, ao mais leve esboço de uma tendência holística da dança (principalmente se estivesse em questão termos como cura, saúde, bem-estar, autoconhecimento etc.)se ouvia: “Dança é arte” e a conversa acabava. O corpus teórico-vivencial-intuitivo que transborda agora com vigor paradigmático, mesmo veladamente,nunca deixou de acontecer aqui, ali, acolá, posto que esses quatro fatores da constituição humana tendem à autorregulação e à preservação da vida, como bem explicou Rolando Toro(2002) na fundamentação teórica da Biodanza®.

As ideias de discrição do Sagrado Feminino estão mais conectadas com as qualidades femininas de fluidez, intuição e conexão com a sabedoria do tempo, do que de sigilo, conluio ou articulação estratégica competitiva. Aquilo que é se processa na vivência e reverbera na cultura espontaneamente. Assim, se os princípios do Sagrado Feminino preveem outras formas de autopercepção e relações sociais e se apresentam como um campo empírico em permanente desenvolvimento, não se pode considerar um controle estrito de suas influências e interações, mas a percepção de suas repercussões nas diversas formas de discursos e atitudes. Nessas circunstâncias, observa-se quenão necessariamente o termo Sagrado Feminino é citado ou conscientemente implicadonas práticas de dança, já que ele vai se conformando no tempo da vivência com suas insinuações subjetivas, coletivas e culturais. Talvez este seja o elemento de maior distanciamento das pautas ativistas, posto que seu caráter transgressor e paradigmático acontece nas sutilezas da presença.

Este estudo se propõe, nesses termos, a apresentar uma amostra de produções artístico-pedagógicas e/ou monográficas da Licenciatura em Dança da UESB que

⁸Aponto dois exemplos: Karla Jacobina (2019) trabalha com Dança Cigana e de Salão no Brasil e, para defender a proposta do que chama de Dança Transpessoal, dialoga com aspectos do Sagrado Feminino e faz uma retrospectiva dos paradigmas que regeram o desenvolvimento humano, passando pelas quatro funções psíquicas proferidas por Jung (razão, emoção, intuição e sensação) até chegar na abordagem da Terapia Transpessoal (bio-psico-socio-cultural-espiritual).Já Anna Halprin (1920-2021), precursora da vanguarda pós-moderna da dança, com *Dancing my cancer* (1975), inaugurou uma nova fase de sua vivência profissional: ao integra-se numa dança curativa,deixou de priorizar a arte para priorizar a vida, dedicando-se aos aspectos rituais da dança. (VITÓRIA, 2016). Ambas propõem a dança como vivência integrativa.

apontem para uma aproximação entre a dança e os princípios do Sagrado Feminino, abrangendo o período de 2010 (criação do curso) a 2019.

METODOLOGIA

Para a seleção das produções analisadas, decidiu-se pela revisão de literatura e aplicação de questionário entre integrantes do *Triskelion* (atuais e antigas). Considerou-se a participação de mulheres (discentes e egressas) de turmas diferentes, de modo a abarcar representantes do período em análise. Não houve, portanto, mensuração quantitativa de representação das respondentes por turma, assim como entende-se que o tempo de permanência no curso influencia num conjunto determinado de produções acadêmicas ao qual de cada uma teve acesso ou integrou. Por outro lado, foi sugerido que fizessem suas indicações pelo critério da rememoração. Tal abordagem pretendia que elas não se preocupassem em recorrer a qualquer consulta para conceituar racionalmente Sagrado Feminino - sob risco de condicionarem suas respostas. Deste modo, intentei abarcar uma amostragem mais ampla de como esse movimento mundial tem sido percebido e/ou vivenciado.

O formulário foi elaborado no *Google Forms*, intitulado *Pesquisa sobre o Sagrado Feminino em obras das Licenciaturas em Dança e Teatro*, aplicado no período de 27 de agosto a 03 de setembro de 2020 para vinte e duas mulheres. Foram estruturadas três perguntas que compreendiam o nome da obra, informações técnicas que facilitassem sua identificação e os indícios de vinculação ao Sagrado Feminino que cada respondente percebia na mesma.

É significativo também apontar os entrelaçamentos acadêmicos e vivenciais das comunidades dos dois cursos, pois, embora o foco da pesquisa seja a dança, existem produções que são comuns aos discentes de Dança e Teatro da UESB, bem como discentes de Teatro que integraram o *Triskelion*, cursaram disciplinas específicas ou participaram de processos criativos de dança.

Vinte e três questionários foram respondidos. Algumas respondentes indicaram mais de uma obra e, por vezes, apontaram indícios comuns do Sagrado Feminino a todas elas. No total, foram indicadas trinta produções acadêmicas, sendo treze composições solísticas, sete produções artístico-pedagógicas orientadas por docentes em componente curriculares, sete produções artístico-pedagógicas orientadas por graduandos em estágios supervisionados e três trabalhos de conclusão de curso (TCC)

que refletem processos de composições coreográficas. O solo mais indicado também foi objeto de estudo de uma monografia⁹.

Consideradas as condições de acesso a informações sobre as obras no contexto da pandemia do COVID-19, foram selecionados sete trabalhos que representassem de modo mais abrangente as turmas e o período em análise, que estivessem mais vinculados a vivências intuitivas e espontâneas do Sagrado Feminino e que fossem referendadas pelas memórias pessoais das respondentes.

O SAGRADO FEMININO NAS OBRAS DA LICENCIATURA EM DANÇA

Ao analisar a seleção das produções da Licenciatura em Dança da UESB, é perceptível que, em geral, as abordagens criativas partiram de memórias e vivências pessoais, ainda que, em alguns casos, fossem estimuladas e/ou se desdobrassem em estudos mais específicos sobre mitologia, sagrado feminino, feminismo, feminismo negro e Wicca. Os termos “ancestralidade” e “autoconhecimento” foram dominantes e o termo “ecofeminismo” não apareceu em nenhum dos questionários. Os solos foram realizados por mulheres, alguns processos criativos foram pensados exclusivamente para um elenco de mulheres e outras obras tiveram elencos e orientadores variados.

Os critérios de associação entre as obras indicadas e o Sagrado Feminino foram diversos, de modo que os subdividi didaticamente em sete eixos principais, quais sejam:

- **AUTOCONHECIMENTO:** Empoderamento; autoafirmação; fortalecimento; cura; relação com o próprio corpo; identidade; protagonismo artístico e cênico; círculos e elencos de mulheres; memórias e histórias de vida.
- **VINCULAÇÃO CULTURAL:** Identidade; pertencimento; sororidade; cooperação no trabalho comunitário.
- **ANCESTRALIDADE:** Vinculação com a terra; simbologia da raiz; estreitamento afetivo com as mulheres da família.

9 Os solos são resultado do componente curricular “Criação e Composição de Solos”; as montagens de turma, dos componentes curriculares “Processos de Criação Cênica II: Dança e Contemporaneidade”, “Estágio de criação em dança I: vanguardas modernas”, ou “Estágio de criação em dança II: Dança e Contemporaneidade”; as montagens orientadas pelos discentes integram as atividades do “Estágio Supervisionados I em Composição Coreográfica: Projeto de Montagem, Prática em Ensaio e Trabalho em Processo”, ou “Estágio Supervisionado II em Composição Coreográfica: Prática de Montagem”. As monografias são elaboradas durante o componente curricular “Trabalho de Conclusão de Curso”.

- PODER DE GERAR E NUTRIR A VIDA: Maternidade; nutrição comunitária; menstruação; útero e suas simbologias; aleitamento.
- FEMINISMO, QUESTÕES DE GÊNERO E REAÇÃO AO PATRIARCADO: Força; resiliência; apropriação de seus espaços sociais e profissionais; violência contra a mulher/femicídio *versus* beleza, sensualidade; percepção das reações culturais automatizadas por medo de ser assediada; diferença de tratamento e educação entre meninos e meninas; denúncia da associação entre feminino e fraqueza.
- RELAÇÃO INTUITIVA COM O SAGRADO FEMININO: Interação com o tema sem percebê-lo racionalmente, compreendendo-o como um deflagrador de mudança pessoal em relação a ser mulher posteriormente à vivência.
- CONEXÃO COM ARQUÉTIPOS DA DEUSA: Rituais e cultos da grande deusa (Deusa-mãe); arquétipos da guerreira, mãe, feiticeira etc.; Wicca; os ciclos femininos e a natureza; dar-se conta de si e seu poder pessoal; vinculação e pertencimento ancestrais; priorização de tempo para autocuidado; rituais de passagem.

É possível observar a interconexão entre elementos de alguns eixos, uma vez que tanto os trabalhos indicados, quanto os critérios de aproximação ao Sagrado Feminino são uma amostra, uma potência de observação do estudo proposto.

A monografia *Processos de composição coreográfica em dança: reflexões sobre uma experiência de criação*, de Andréia Ventura de Araújo (2015) analisa duas versões do solo *Calçada, cansada e alcançando*, primeiro dançado pela autora (2012) e depois recriado no corpo e história de outra mulher (2013). Utilizando do acaso e da criatividade, a obra se inspira nas mulheres que têm a feminilidade castrada pelo uso da burca e transita pelos processos intuitivos de autoconhecimento, desde a condição social imposta até o desvelamento de caminhos de (re)construção. A obra conecta-se principalmente com os eixos do autoconhecimento, reação ao patriarcado e relação intuitiva com o Sagrado Feminino. Ao transpor sua vivência para a realidade de outra mulher e considerando o contexto social específico que sugere o tema, conecta-se ainda com os eixos vinculação cultural e ancestralidade, estando as duas mulheres envolvidas no campo da sororidade e de uma percepção expandida da vivência feminina.

O espetáculo *Ostara: primavera em sagração* (2013) foi orientado pelo docente Aroldo Santos Fernandes Júnior, inspirado na obra *Le Sacre du Printemps*¹⁰ e o elenco foi composto pelas turmas de Dança e Teatro. A deusa Ostara e a deusa Perséfone foram

¹⁰ Obra de Igor Stravinsky e Vaslav Nijinsky para o *Ballets Russes* de Sergei Diaghilev com estreia em 1913.

estudadas e a proposta associou o ritual de passagem dos estudantes ao ingressarem na vida adulta e na universidade ao ritual pagão da primavera, apontando a morte de uma etapa mais dependente da família para um renascimento autorresponsável, vigoroso e criativo. Com a junção das turmas no primeiro ano, o ritual/espetáculo também representava a separação dos cursos, que seguem formações específicas a partir do terceiro semestre. Assim, a proposta transitou entre desafios e expectativas individuais e coletivas, sabedoria para saber deixar fluir relações pessoais e movimentos de vida, além do contato com o Sagrado Feminino para um grupo misto por meio da mitologia. Destacam-se nesta obra os eixos autoconhecimento, vinculação cultural e conexão com os arquétipos da Deusa.

O espetáculo *Útero* (2014) foi dirigido pelo docente Luiz Thomaz Sarmiento Conceição para uma turma composta exclusivamente por mulheres. Partindo de vivências e memórias das discentes, bem como da reflexão primordial do que é ser mulher, o processo criativo teve a potência de transitar pelos sete eixos que constam no quadro acima.

O solo *Nodum* (2016), de Thiana Queiroz Barbosa, aborda os padrões sociais machistas na educação de uma menina. Ao revisitá-lo para responder ao questionário, Barbosa evidenciou hipótese de que, majoritariamente, a vivência do Sagrado Feminino é intuitiva: “[...] *Mas existem indícios do Sagrado Feminino neste solo? É o que ando refletindo... No momento da concepção, não estava pensando nisso. Na verdade, eu já escutava muito sobre o Sagrado, mas não me conectava ainda. Mas hoje, acredito que este solo foi um marco, um divisor de águas. Foi a partir dele que comecei a me conhecer e reconhecer cada vez mais como mulher. Foi, de fato, um processo de autoconhecimento. Mexi em feridas e levantei questões familiares antes nunca ditas em voz alta. E a partir deste processo - agora me recordo- entrei por um caminho que foi me levando aos estudos do Sagrado Feminino. E esta ligação foi se tornando cada vez mais forte.*”

O depoimento de Barbosa demonstra que, independentemente de ter conhecimento prévio sobre a proposta, ou de estar vinculada a alguma militância social, sua vivência respondeu a uma demanda de ordem intuitiva, pessoal, visando autocuidado, autoconhecimento e transformação. Aqui, ficam em evidência, portanto, os eixos de autoconhecimento, reação ao patriarcado e conexão instintiva com a vivência do Sagrado Feminino.

A monografia *Diálogo entre os quatro elementos da natureza e a dança: possibilidades criativas* (2017), de Ângela Cardoso da Silva, relata as relações de afinidade intuitiva entre as qualidades de movimento dominantes na dança de cada intérprete e as características simbólicas dos quatro elementos da natureza. Para tanto, ela teceu comparativos entre os estudos mitológicos e astrológicos dos quatro elementos, o padrão de excitação neuromuscular e as qualidades de movimento (Valerie Hunt) e as quatro funções da psique (Carl G. Jung) para defender que, estando consciente de seus padrões de movimento, é possível explorar seus potenciais criativos na dança. Durante a defesa pública da monografia em 09 de julho de 2017, o docente Renato Tavares, orientador, refletindo a importância de trabalhos desta natureza para a revisão dos paradigmas científicos, registrou o seguinte comentário no seu parecer técnico:

Primeiramente, parabenizando-a pela coragem. Você aceitou um desafio de pesquisa dentro da Academia que tem decorrências imprevisíveis. Apesar de vivermos num momento de revisão dos paradigmas acadêmicos, ainda não é um caminho muito fácil questionar, dentro da universidade, as certezas, o padrão positivista, os conceitos cristalizados, fechados, que nos impedem de enxergar o ser humano em sua complexidade, em sua totalidade, no exercício de todas as funções de sua psique: pensamento, intuição, sensação, sentimento, como sugere as perspectivas de Jung, Cassirer e Morin, pensadores que você aborda na fundamentação teórica da sua pesquisa. (TAVARES, 2017)

Integrando a banca examinadora e, naquele período, já dedicada às questões da mulher e seus ciclos, do Sagrado Feminino, da nossa integração e real unidade, acessar o parecer do orientador fez-me perceber que possivelmente estamos mesmo vivendo uma fase de ajustes paradigmáticos, a partir da qual o conhecimento expande a validação de seus fundamentos nas vivências e esse constructo coletivo e complexo insinua a orientação de uma humanidade íntegra e saudável. Da dança em relação à humanidade, a pesquisa de Ângela Cardoso representa a busca por uma vivência mais intuitiva e harmoniosa, por uma relação de empatia, curiosidade e respeito em relação ao diferente, pela concentração em si mesmo para conhecer-se e atuar integrando identidade e alteridade. Tal pesquisa conecta-se de tal forma com os sete eixos, que espelha a potência dos resultados vislumbrados no Sagrado Feminino.

A monografia *O processo de criação em corpo e reza: caminhos que dançam minha ancestralidade* (2018), de Helena Norberto Santos Neta, registrou a investigação

de processos criativos em dança com ênfase em aspectos ancestrais e identitários, validando as danças brasileiras, a cultura popular e os saberes comunitários, amparada na autoetnografia e em teorias decoloniais. Ela percorreu essa trajetória em contato com as vivências e ensinamentos de sua avó, que era benzedeira e deu nome à composição solística *Dona Maria* (2017). Neste processo, utilizou como disparadores criativos os seguintes elementos: ancestralidade, terço, folhas, capoeira, chão, água e árvore, que apontam seu alinhamento constante com o universo do Sagrado Feminino, embora sem nunca o dizer em termos específicos. Suas vivências, pesquisas e premissas integram a empatia, o respeito, o cuidado e a presença na relação com as pessoas, a fé e a compaixão, a reverência aos conhecimentos e vivências dos mais velhos e a integração com a natureza.

Como é comum de acontecer quando nos debruçamos sobre experiências e memórias ancestrais, a trajetória muito particular de Helena Norberto encontra ressonância nas experiências e anseios de outras mulheres na busca do seu Sagrado Feminino. Foi assim que o solo *Dona Maria* integrou as atividades do Grupo de Pesquisa *Triskelion* em 08 de agosto de 2018. Também pudemos partilhar seu experimento criativo em contato com as águas da cachoeira do Km 19 em 2018, assim como a turma de “Criação e Composição de Solos”¹¹ em 2019. Aqui, os sete eixos se apresentam e se conectam de forma fluida.

O último trabalho analisado é *IamarÊ* (2019), solo de Iamara Dourado - discente de Teatro, também elaborado em “Criação e Composição de Solos” sob a orientação da docente Edeise Gomes Cardoso Santos. Considero que este solo simboliza o intento final do Sagrado Feminino, que é o equilíbrio, a harmonização entre qualidades femininas e masculinas no mundo. Essa simbologia pode ser observada na união do nome do orixá (Oxumarê) com o nome da discente (Iamara): *IamarÊ* traz lucidez para a integração entre humanidade e divindade, apontando para uma visão holística da existência. Em termos acadêmicos, retrata a união dos cursos de Dança e Teatro numa composição artística.

11 Ministrado pela docente Edeise Gomes Cardoso Santos. Essas vivências contribuíram para os processos solísticos de Tânia Guerra e Geisa Dias (atualmente egressas), culminando respectivamente nas obras *Minhas Raízes* e *Saluba*. Seus processos criativos foram analisados nos seus planos de trabalho junto ao Programa de Iniciação Científica Voluntária da UESB (Edital 140/2019) sob minha orientação e documentados no artigo *O despertar contemporâneo entre dança e Sagrado feminino*, publicado no E-Book *Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil?* da Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes Cênicas (ABRACE) em 2021.

Oxumarê é o orixá do movimento, da abundância e da sabedoria. Ligado à terra e às águas, tem as faces masculina e feminina. Representado pela serpente e pelo arco-íris, faz coexistir os aspectos da fluidez e permanência no fluxo de proteção da vida, transformando aparentes dicotomias em complementariedade. Esses elementos ficam bem apresentados na sinopse poética de Dourado:

Salve a Cobra Arco – íris!
IamarÊ mora no céu.
Deslocasse com o Arco – íris revelando sua beleza nas cores.
Protege a Terra enrolando-se como uma cobra e controlando seus movimentos.
IamarÊ é força da transformação e do movimento.
Água e terra.
É a continuidade e a permanência.
Masculino e feminino.
É a vida e imortalidade.
Incerteza e coragem.
É Equilíbrio e inconstância.
Início e fim.
IamarÊ tem duas missões:
Uma é proteger a Terra enrolando-se como uma cobra controlando seus movimentos.
A outra é descer a Terra de tempos em tempos
Trazendo a chuva e a renovação
Lutando contra qualquer força que almeja tirar a liberdade e a riqueza do seu povo.
IamarÊ é a força da vida e do amor.
Arrobo boi!

No seu relato de experiência (DOURADO, 2020), o processo de alinhamento entre qualidades complementares também foi exposto, quando ela discorre sobre o trânsito entre o aspecto metódico do planejamento para a espontaneidade e intuição da vivência, explicando que a sistematização do processo criativo entre as etapas *treinamento*, *criação e ensaios* foi reconfigurando-se como elementos que integram a *experimentação*. Do mesmo modo, o uso dos princípios que retornam da Antropologia Teatral, antes previstos para integrarem o *treinamento*, estiveram presentes em todo o *processo*. Para chegar nesta etapa de organicidade criativa, ela teve a improvisação como recurso metodológico. É significativo enfatizar sua presença em todo o processo, percebendo, avaliando e transformando a falta de motivação e de foco, bem como os entraves da autocrítica em arte e autoconhecimento. Em termos dramaturgicos, ela dividiu a cena em três partes:

Parte 1: Herói

Verbos: observar, atacar, esquivar, saltar, respirar, exibir.
Parte 2: Caminho para casa – rampa
Verbos: girar, apontar, rolar, equilibrar, correr, descer
Parte 3: Em casa
Verbos: Ondular, circular, rastejar, abraçar, olhar, sorrir.

O caminho que *IamarÊ* seguiu é o de integração com o Sagrado Feminino. De uma jornada iniciada com verbos que exprimem qualidades masculinas, almeja-se chegar em casa. No processo do solo, como no processo da vida, o caminho de quem tem trilhado a busca pelo Sagrado Feminino é o caminho do meio, da conciliação. O *caminho para casa* é o caminho de cura, de comunhão, de autopercepção e evolução interativa, sempre pelo movimento e pelo amor, como bem disse na sinopse.

Quando Dourado estreou *IamarÊ*, o *Triskelion* estava estudando *A dança da Serpente*, o nono capítulo do livro *A dança do Sagrado feminino* (2016). Iris Stewart, ao dedicar um capítulo ao tema, o inicia evocando a simbologia da Serpente em relação aos quatro elementos e o éter (quinto elemento) para ressaltar sua vinculação com o movimento de criação e renovação da vida.

A Serpente Galáctica é o vento, a respiração, a via Láctea, rastros de cometas. Os movimentos rítmicos da Serpente das Águas Místicas são a chuva que cai, as ondulações dos cursos d'água, o oceano ondulante. A Serpente da Terra é o fluxo de energia terrestre e as correntes magnéticas subterrâneas; a Serpente Cósmica nos mostra os ciclos sazonais, os ciclos da menstruação e da lua, da vida, da morte e do renascimento, o eterno processo. A Serpente Astral é o mundo psíquico da percepção supersensorial. A espiral ascendente de Kundalini transforma a matéria em criatividade e movimento: a Dança da Cobra. (STEWART, 2016, p.229)

Ainda que não tivéssemos acesso detalhado ao processo criativo de Dourado, as analogias que a fruição estética nos proporcionou fez-nos constatar que se tratava de uma vivência vinculada a uma atmosfera mundial do Sagrado Feminino pela dança. *IamarÊ* nos trazia uma vitalidade de um ser em construção, que se permitia o desafio e o renascimento, a troca de pele que aceita sempre um recomeço. Em suas pesquisas, Stewart constatou que “[...] em muitas antigas culturas, a palavra cobra ou dragão indicava o útero [...]” (STEWART, 2016, p. 230) e que o conhecimento de si, vinculado a simbologia da cobra, é constituída na vivência, no corpo e na experiência criativa. Quando Stewart aponta as diversas representações divinas da cobra em civilizações antigas, encontrei a citação de uma deusa que possui elementos característicos semelhantes aos de Oxumarê: “[...] A deusa aborígine Uma, que fundou a terra, era

retratada segurando a cobra do arco-íris nos braços.” (STEWART, 2016, p. 230). O texto segue explicando que essa população realizava uma dança na qual se movia de forma serpenteada para simbolizar suas relações com a terra. E foi assim, ao ar livre, entre o céu e a terra que Dourado vivenciou a serpente *IamarÊ*: *“Este solo foi o início de uma investigação. [...] O solo “IamarÊ” é um ciclo que surge da curiosidade de expressar no corpo o poder do movimento e fluidez do animal cobra, alinhada aos caminhos e beleza do arco – íris, símbolos marcantes do orixá Oxumarê. Ao longo desse processo, recebi muitas contribuições afetivas, reflexivas e técnicas que ainda causarão muitas mudanças. Um processo que sempre estará em transformação pois se IamarÊ perder suas forças, a Terra para.”*(DOURADO, 2020)

A conclusão do relato de Dourado aponta para o estado de presença e para uma busca pessoal (com seus desafios, descobertas e curas), porém sempre vinculada aos processos humanos da convivência e da colaboração.

Ao analisar as sete obras selecionadas, é possível verificar que, quanto mais aprofundada é a vivência, mais expressiva é a relação de integração e autoconhecimento. Esse aspecto vivencial mostrou-se essencial neste estudo. Vivência é estado de presença, participação ativa na constituição da vida, concentração no aqui e agora. Nas danças relatadas, a vivência integrou memória, anseios e ação. A vivência precede a sistematização e ela congregou dança e Sagrado Feminino nas obras analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma leitura muito estrita, racionalizada, fragmentada do Sagrado Feminino pode não chegar à compreensão do que tem sido essas vivências para as mulheres. Aliás, *espaços sagrados* são essenciais para incontáveis demandas de grupos sociais, restando aos espectadores, minimamente, observar e acolher, porque cada um deles tem apontado para um movimento contundente e necessário, cujo tempo tratará de detalhar suas etapas, ajustes, acertos, equívocos, modismos, entrelaçamentos, mas que sinaliza para uma evolução humana sem precedentes. O Sagrado Feminino parte de uma reestruturação subjetiva, sem a necessidade de holofotes e, gradativamente, parece estar espessando o molde histórico de mulher com especificidades só destacadas em figuras icônicas na história. Essa mudança é, ao mesmo tempo, pacífica e revolucionária, uma vez que, ao reconstituir-se, todo o entorno se reorganiza também.

A vinculação de cada uma destas sete obras coreográficas com os indícios do Sagrado Feminino pode variar em relação aos parâmetros construídos no quadro didático que apresentei. Como estes eixos surgiram de vivências e memórias das respondentes, podem aparecer outras reflexões e novas analogias acerca destas obras, das trinta produções que constam nos questionários e de outras tantas produzidas pela Licenciatura em Dança e/ou Teatro da UESB desde 2010.

Esta amostra, assim, apresenta-se expressiva em relação a uma nova tendência de auto-organização e de relação com o mundo que tem o seu foco nas vivências das qualidades femininas, mas se propaga para uma convivência geral mais harmoniosa e que tem ganhado espaço e aprofundamento também nas vivências de dança. Um exemplo recente foi o primeiro encontro do Grupo de Pesquisadores em Dança¹² no XI Congresso da Associação Brasileira de pesquisadores em Artes cênicas (ABRACE). Foi um ritual. Arte, ciência, espiritualidade e sacralização da vida estiveram em comunhão, cada participante como ser único e o grupo como unidade.

Com essa pesquisa, foi possível identificar, portanto, o entrosamento de vivências holísticas na dança, na ciência e na vida, que privilegiaram a autocura, o autoconhecimento, a conciliação, o afeto, a espiritualidade, a ritualização e sacralidade da existência. Os indícios desta vinculação entre dança e Sagrado Feminino sugerem ampliar estudos com foco em paradigmas holísticos que questionam a dominância do egocentrismo, violência e desrespeito generalizados na atualidade. A percepção de aspectos sociais integrativos na dança pela via do Sagrado Feminino, analisada no contexto da história da dança e seus sucessivos paradigmas, possibilita vislumbrar que estejamos experimentando uma nova vanguarda: a vivência como revolução afetiva.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L.; SILVA, G.; SOUZA, T. O despertar contemporâneo nas relações entre dança e sagrado feminino. In: TERRA, A. *et al.* **Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil?** p 1303-1330. *E-book*. Campinas: Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021. Disponível em: <http://portalabrace.org/4/index.php/publicacoes/40-publicacoes-digitais/643-e-book-abrace-como-as-artes-da-cena-podem-responder-a-pandemia-e-ao-caos-politico-no-brasil>. Acessado em: 24/09/2021 às 08:20.

CAMINADA, E. **História da dança**: Evolução cultural. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

¹² Os encontros ocorreram dias 16 e 17/06/2021 com a coordenação de Flávio Campos e Katya Gualter.

DOURADO, I. S. **Sobre sua montagem na disciplina de solos (dança)**. Destinatário: Lauana Vilaronga C. Araújo. Bahia: 21 set. a 02 out.2020. 5 mensagens eletrônicas.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco,2018.

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

JACOBINA, K. **Dança transpessoal**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2019.

PEREZ, O. C., ROSA, J. L. FERREIRA, R. D. A. **ST 018: As bruxas estão de volta? sagrado feminino e wcofeminsmo**.Disponível em:

https://www.fg2020.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=442.

Acessado em 27/08/2020 às 16:35.

PORTINARI, M. **História da dança**.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

PULEO, A. H. Perspectiva ecofeminista da ciência e do conhecimento: a crítica ao viés andro-antropocêntrico. *In:Em construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência*, n. 5/2019, p. 163-173. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/41236>. Acessado em 27/08/2020 às 20:40.

SANTOS NETA, H. N. **O processo de criação em corpo e reza:**

caminhos que dançam minha ancestralidade. 2018. Trabalho de conclusão de curso. (Licenciatura em Dança) –Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2018.

SILVA, A. C.**Diálogo entre os quatro elementos da natureza e a dança:**

possibilidades criativas. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Dança) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2017.

STEWART, I. J. **A dança do sagrado feminino: o despertar espiritual da mulher através da dança, dos movimentos e dos rituais**. São Paulo: Pensamento, 2016.

TAVARES, R. **Parecer Ângela banca**. Destinatário: Lauana Vilaronga C. Araújo. Bahia: 09 jul.2017. 1 mensagem eletrônica.

TORO, R. **Biodanza**.São Paulo: Olavobras, 2002.

VITÓRIA, A. **Anna Halprin e a dança curativa ou performance da vida**. Disponível em: <https://anavitoria.com.br/noticias/anna-halprin-e-a-danca-curativa-ou-performance-da-vida-2/>. Acessado em 29/04/2021 às 09:50.